

02. “LITERATURA E ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA”: CONECTANDO CORDEL COMO SUPORTE METODOLÓGICO PARA AS AULAS DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Diego Ramon Souza Pereira¹

Introdução

Durante toda a trajetória de escolarização brasileira a disciplina de Sociologia ora fazia parte como currículo básico, ora atuava como tema transversal (OCNs, 2008). Todavia, a partir de 2008 com a sanção presidencial da Lei nº 11.684 de 2 de junho do mesmo ano, torna-se novamente obrigatório o ensino de Sociologia e Filosofia na Educação Básica (composto de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), tendo estas duas disciplinas cadeiras cativas nos últimos anos da escolarização obrigatória no caso o Ensino Médio (Lei nº 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB).

Com o retorno obrigatório da Sociologia e Filosofia para o currículo básico do Ensino Médio foi reelaborado as Orientações Curriculares Nacionais (OCNs) para o Ensino Médio, particularmente o Eixo de Ciências Humanas. As OCNs possuem um caráter de nortear o exercício da docência. É válido salientar que são orientações e não normas de doutrinação, que surgem para guiar os professores do Ensino Médio como se notar em um dos pontos que aparecem na carta direcionada aos docentes logo nas primeiras páginas das OCNs.

Nesta configuração, ainda incipiente e não canônica, o Ensino de Sociologia, quando comparada a disciplinas já “tradicionais” das ciências humanas como História e Geografia, percebe-se que experimentações metodológicas são passíveis de teste, neste sentido o estudo do pensamento social pode-se valer de variados instrumentos metodológicos para que se compreenda a produção intelectual de uma determinada

¹ Docente da Educação Básica da Rede Estadual da Bahia. Licenciado em Ciências Sociais (UFS), especialista em Antropologia com Ênfase em Culturas Afro-brasileiras (UESB). E-mail: diegoramonsouza@gmail.com

época a cerca das estruturas da sociedade, ou melhor, do conhecimento científico produzido (BOURDIEU, 2005).

Entre tais recursos as manifestações artísticas também são passíveis de serem usadas, como: a música, a imagem fílmica ou fotográfica, a literatura entre outras linguagens artísticas e culturais como instrumento para percepção e entendimento da vida cotidiana, dos costumes, do pensamento social, das mudanças sociais que marcam a construção de um imaginário sobre a sociedade. Tal ideia parte do entendimento de que as produções artísticas, de maneira ampla, dialogam e ao mesmo tempo contribuem para a construção de nossa representatividade como marcas de determinados períodos históricos.

Neste sentido, a literatura poderá ser usada como recurso para a compreensão da realidade social e pode ser um excelente instrumento de reflexão para pensar questões como: corpo, sexualidades, relações de gênero, afeto/desejo, relações raciais e étnicas, entre outros que marcaram e ainda possui reflexos até hoje na construção do pensamento social brasileiro, conseqüentemente com interlocuções com os conteúdos ministrados na disciplina de Sociologia.

1. Marcos regulatórios e a percepção interdisciplinar dada a disciplina

Estes marcos regulatórios que serão evidenciados são as Orientações Curriculares Nacionais (OCNs) para a disciplina de Sociologia e os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ciências Humanas, particularmente o que tange a disciplina Sociologia.

Em primeira instância apontaremos a diferença entre a disciplina Sociologia e a ciência Sociologia. Tais denominações representam as divergências territoriais e de ênfase dadas à disciplina Sociologia, aquela a ser ministrada na Educação Básica, particularmente no Ensino Médio. Conforme será tratado no Art. 35 da Lei 9394/1996, o Ensino Médio possui por finalidade, segundo o inciso III, “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”, por conta disso a ênfase dada pela Sociologia nas OCNs será em contribuir para o desenvolvimento da pessoa humana.

Já a ciência Sociologia apoia-se na teoria sociológica Emile Durkheim, Max Weber e Karl Marx, seus aportes metodológicos, os fenômenos estudados por eles e suas escolas analíticas. Por conta disso, para a disciplina Sociologia “Deve haver uma *adequação* em termos de linguagem, objetos, temas e reconstrução histórica das Ciências Sociais para a fase de aprendizagem dos jovens – como de resto se sabe que qualquer discurso deve levar em consideração o público-alvo” (OCNs, 2008, p. 107).

De acordo com isto, a teoria sociológica deve estar pulverizada em discussões temáticas sugeridas pelo docente ou propostas pelos alunos durante as aulas. O fragmento acima também nos expõe que o conteúdo a ser ministrado no Ensino Básico é o das Ciências Sociais, por isso as incursões temáticas devem mesclar conceitos além dos da Sociologia, também as categorias de análise da Antropologia, exemplo: identidade, etnia, raça, alteridade, parentesco, sexualidade, gênero entre outros. Assim igualmente é proposto na Ciência Política, como por exemplo: poder, soberania, Estado, democracia, partidos políticos e outros.

As OCNs iniciam uma discussão em torno dos projetos de “interdisciplinaridade” a respeito do conhecimento Sociológico com os demais saberes (Biologia, História, Geografia, física entre outras). A orientação é tratar de temas transversais, respeitando os olhares de cada ciência, entretanto são desfavoráveis aos projetos de currículos escolares que retirem a Sociologia e que seu conteúdo, seja ministrado, por exemplo, pela História ou pela Geografia, a justificativa parte da análise peculiar que só o Cientista Social pode desenvolver em torno do fenômeno social estudado.

Em outro momento as OCNs tratarão da presença da disciplina Sociologia efetivamente no Ensino Médio. O diálogo inicia-se com a questão do conteúdo, uma vez que não há um currículo de Sociologia consagrado ou canonizado como ocorre, por exemplo, nas disciplinas de História e Geografia. Os autores demonstram uma vantagem e um risco; a vantagem é em relação à liberdade do professor em escolher o conteúdo e a desvantagem surge da angústia das escolhas destes temas e como trabalhá-los associando com os conceitos sem tornar a aula uma palestra temática.

No intuito de superar este impasse e de analisar como que esta “flexibilidade” de conteúdo está sendo discutida nos livros didáticos, por exemplo, é que os autores revelam a tríade que guia os conteúdos: *conceito*, *tema* e *teoria*. Resumidamente estas

três dimensões inicia: a *teoria* atrela-se a explicação e compreensão, os *conceitos* estão ligados com os discursos, os saberes acadêmicos, e os *temas* concatenados com a realidade, com as observações empíricas. Seguindo a lógica exposta acima as aulas devem mesclar estes três aspectos e não privilegiar um em detrimento dos demais.

De acordo com os PCNs

[...] o conhecimento sociológico tem como atribuições básicas investigar, identificar, descrever, classificar e interpretar/explicar todos os fatos relacionados à vida social, logo permite instrumentalizar o aluno para que possa decodificar a complexidade da realidade social (p. 37).

Os PCNs possuem uma proposta bastante ampla e complexa para o curto tempo que é atualmente fornecido para a disciplina no ensino médio, cerca de 50 minutos por semana. Além destes objetivos, ainda cabe a Sociologia, segundo os PCNs

[...] o ensino da Sociologia no Ensino Médio também deve fornecer instrumentais teóricos para que o aluno entenda o processo de mundialização do capital, em correspondência com as sucessivas revoluções tecnológicas.

Para se chegar a estes objetivos os elaboradores dos parâmetros das Ciências Sociais, especialmente da Sociologia, passeiam por autores clássicos, exemplo: K. Marx, M. Weber e E. Durkheim, como também por teóricos contemporâneos: Adorno e Horkheimer, Berger, Giddens, Goffman, Habermas entre outros. E vai além, propondo aos docentes do ensino em Ciência Sociais a apresentar e discutir com seus alunos, conceitos como: socialização total, teia social, castas, estamentos, classes sociais. Para finalizar os parâmetros ainda nos revela a importância de discutir as transformações do universo do trabalho, da família e do Estado, por exemplo.

De acordo com esta exposição e assim como aparece nas OCNs, a gama de conteúdo é muito ampla, não havendo tempo hábil para tantos conceitos, interlocuções ou projetos interdisciplinares. Esta gama enorme de possibilidades de ministrar o conteúdo da Sociologia possui duas consequências: a primeira, positiva, permite que o docente adapte o conteúdo à realidade dos seus discentes ou aos anseios da comunidade escolar, a segunda, negativa, tornar a disciplina um “bate-papo” eterno que nos momentos de avaliação será atribuído nota a quem falou mais.

2. A interdisciplinaridade e a literatura

A literatura romanesca ficcional produzida no período histórico do final do século XIX no Brasil é denominada por Antonio Candido (1980) como pós-românticos, visto que estes movimentos literários possuíam por foco central mostrar a realidade social no intuito de muitas vezes chocar os costumes e valores da época. Merquior (1996), afirma que as características (retrato da realidade social, determinismo biológico, cientificismo entre outras) são comuns as escolas literárias da época: Realismo, Naturalismo e Parnasianismo.

Todavia o que será exposto aqui é a literatura de cordel² e não a literatura canônica, e a partir disso podemos ter pistas sobre o que pensava as “massas”, isto é, o cordel poderá expor o pensamento de um público talvez não leitor desta produção romanesca cânone, já que a partir de Willams (1979) podemos suspeitar que a produção dos cordéis de não está alicerçado na “diversão da burguesia”, mesmo assim os cordéis também poderão, assim como a produção letrada canônica da época, apresentar um tom ideológico moralizante, com finalidade pedagógica.

Os motivos que se fizeram presentes para a escrita deste texto são: uma proposta de efetivação das orientações dadas pelos documentos oficiais brasileiros à disciplina Sociologia e conseguir traçar uma interdisciplinaridade a partir da utilização dos cordéis. Com isso a importância dos folhetos de cordel é poder compor o leque de recursos metodológicos para as aulas de Sociologia no Ensino Médio.

Leandro Gomes de Barros (1865-1918) destaca-se por ser um autor nordestino, nascido na Paraíba, em que seus folhetos retomam fatos como: papéis sociais e de gênero, questões regionais e políticas da época, memória sobre o processo de civilidade/modernização presente durante o período do fim do século XIX. Neste sentido Barros e seus folhetos nos ajudarão a entender como que a literatura relaciona-se com o imaginário social que a cerca.

As representações através das obras literárias são instrumentos de análise que contribuem na compreensão do contexto sociocultural e político a qual a obra foi confeccionada. Candido (1980), logo no prefácio pontua que o cruzamento entre os aspectos socioculturais e a literatura nos revela “... a influência do meio social sobre a obra de arte e a influência desta sobre o meio; em que medida a arte é expressão da

² Possui um linguajar despreocupado, regionalizado e com intuito de divertimento. Os cordéis muitas vezes empregam diversas técnicas de persuasão e convencimento para que o leitor acate o pensamento do autor.

sociedade e em que medida é interessada nos problemas sociais” (p. 1). O pensamento do autor evidencia esta dupla relação, da produção literária, que é suscitar reflexão sobre as contradições da vida social e influenciar nas mudanças cotidianas, estes dois elementos não são díspares e sim complementares ou interligados.

Outro autor que também se faz necessário neste debate, entre literatura e sociedade é Pierre Bourdieu, conforme exposto na sua obra “As regras da arte” (2005), em que evidencia o conceito de campo literário e aplica-o ao estudo da obra literária de Flaubert, literato francês do século XVIII. Bourdieu aponta que a produção literária não é simplesmente “arte pela arte”, há fatores exógenos que influenciam ou que rondam esta produção, entre estes fatores destacam-se a economia e a política da época. De acordo com Miceli (2003), o pensamento de Bourdieu sobre a literatura empenha-se

[...] em qualificar a situação de dependência material e política dos intelectuais e artistas em relação aos grupos e frações dirigentes, como se o refinamento de apreciação das peculiaridades posicionais pudesse esclarecer tanto sua auto-imagem como as representações e as obras daí advindas. No limite, tudo se passa como se as obras e as tomadas de posição estéticas dos agentes pertencentes a quaisquer vertentes do campo intelectual se situassem num gradiente de dominação-subordinação, contrastando os produtores culturais mais dependentes aos mais autônomos perante os detentores do poder econômico e político (p. 65)

A visão de fundo estruturalista, descrita acima do pensamento de Bourdieu, aponta uma suposta determinação dos fatores exógenos (economia e política) na produção do literato. Tais fatores também aparecem no pensamento de Bastide (1983) sobre a poesia como método sociológico, neste caso, será ampliado o entendimento deste autor para a produção literária como todo. Cujo entendimento de Bastide (1983) é “Para aprender a riqueza social em toda a sua farta complexidade, precisamos recorrer aos mais variados métodos, mesmo ao método poético, caso seja necessário” (p. 84).

Com isso o recurso da poesia, ou seja, da literatura, é tão legítimo como qualquer outro instrumento de análise para captar fragmentos da realidade social.

3. Folheto de cordel e Leandro Gomes de Barros

A literatura popular foi utilizada durante muito tempo como um importante veículo de comunicação de massa, já que eram consumidos por um segmento social específico e possuíam formato editorial barato. De acordo com Silva (2007) “Muitas vezes sua produção era realizada por membros de outras classes no intuito de propagar

ideias e pensamentos que pudessem chegar a segmentos mais pobres e a um maior número de pessoas” (p. 15)

A literatura de cordel nordestina, como por exemplo, a produzida por Barros, conforme apontado por Abreu (1999) é um fenômeno estritamente autóctone que nada tem haver com os trovadores medievais. Para outros autores, a origem do cordel nordestino foi decorrente dos “Pliegos sueltos” espanhóis e as “Folhas volantes” portuguesas, conforme se percebe uma visão estritamente eurocêntrica. Mesmo com esta divergência em relação à origem, por ora será usado neste trabalho o pensamento de Abreu (1999) como forma de esclarecer quais seriam as características principais desta produção literária e o que a torna única.

Para a referida pesquisadora, a literatura de cordel seria a representação gráfica da oralidade presente na Cantoria de Viola, cujo marco maior foi a “Escola do Teixeira”. Abreu (1999) pontua que as criações Ibéricas e a nordestina representariam tradições culturais radicalmente diferentes, apesar do fundo comum de histórias orais que as aproximam, mas que, de forma alguma, estabelecem uma relação de causa e efeito. A “Escola do Teixeira” refere-se ao grupo de poetas populares improvisadores que nasceram na serra do Teixeira, pertencente ao Planalto da Borborema, acidente geográfico localizado entre a Paraíba e Pernambuco que assinala a separação entre o litoral e o sertão, conformando uma região de transição chamada de agreste.

A vivência obtida na “Escola do Teixeira” fez com que Leandro Gomes de Barros investisse na concretude de sua produção artística através da comercialização e veiculação de folhetos sendo então o primeiro cordelista a viver exclusivamente de sua arte. Barros possivelmente foi o primeiro a unir o advento das gráficas à impressão das narrativas, e com isso trava uma questão crucial para a produção intelectual que era o processo autoral dentro da literatura popular (BRITO, 2009).

É válido salientar que Leandro Gomes de Barros nasceu em 19 de novembro de 1865, na Fazenda da Melancia, no município de Pombal. Foi educado pela família dos proprietários da fazenda. Acabou sendo adotado por esta família a qual se mudaram para a Serra do Teixeira, que se tornaria o berço da literatura cordelista, local onde permaneceu até os quinze anos de idade rodeado de vários cantadores e poetas ilustres, como por exemplo, Nicandro Nunes da Costa, Bernardo Nogueira e Romano Mãe d’água. Do Teixeira vai para Pernambuco e fixa residência primeiramente em Jaboatão,

onde morou até 1906, depois em Vitória de Santo Antão e a partir de 1907, já com seus quarenta e dois anos passa a residir em Recife, imprimindo a maior parte de sua obra poética no próprio prelo ou em diversas tipografias. Passa a sobreviver e sustentar a esposa Venustiniana Eulália de Barros (casados desde 1889) e seus quatro filhos (Rachel, Eroildes, Julieta e Esaú) estritamente com a venda dos seus cordéis, por isso viajava constantemente. Seu falecimento ocorreu em 04 de março de 1918, por causa desconhecidas (FCRB, 2015).

4. Produção intelectual do final do século XIX: recurso de divulgação da medicina

Conforme Schwarz (1993), o trato com as diferenças em torno da categoria raça/etnia no Brasil sempre foi muito problemática e acabou irradiando para outros marcadores sociais, como classe, gênero, orientação sexual, faixa etária e outros. Neste entendimento a autora nos aponta que não só está presente no final do século XIX início do século XX, a influência dos determinismos biológicos e raciais na produção científica e literária do nosso país, como também o trato desigual com as diferenças em solo brasileiro, é um mal que perdura até os dias atuais.

O sentido de nação para o Brasil permeia o pensamento dos intelectuais do período finissecular XIX. Os quais se debruçam sobre as marcas deixadas e ainda presentes nesta época do processo colonial, da monocultura, da escravidão, do latifúndio e das práticas servis e clientelistas que rondam as relações sociais. É durante este período que se tem por contexto os romances de Caminha (BOMFIM, 1998; ROMERO, 2001).

Entre os intelectuais desta época destaca-se o pensamento de Nina Rodrigues (2008), um dos expoentes do racismo científico no Brasil. O pensamento oriundo do racismo científico acaba rondando a produção das obras literárias, que se pretende analisar neste trabalho, como também se apresenta como fator exógeno a esta produção. A questão do racismo científico é discutida por diversos autores a exemplo de Schwarz (1993), Rodrigues (2008) e Sodré (2005).

De acordo do Sodré (2005) a questão do racismo científico:

[...] consiste na passagem forçada da biologia darwinista para um *monogenismo do sentido*, em que a universalização do conceito de homem cria necessariamente o inumano universal (ou seja, uma identidade gerando uma alteridade) a partir de um centro equivalente

geral europeu. Homem inferior seria o desigual, aquele que não se assemelha ao *mesmo* centrado na Europa (p. 28).

É a partir deste lastro alicerçado no darwinismo social, que Rodrigues (2008) desenvolverá seus estudos a cerca dos africanos e seus descendentes no Brasil trazendo a questão da mestiçagem como fator de desordem dentro do cenário social e político brasileiro. Para o autor, a culpa pelo atraso social do nosso país, no final do século XIX e início do século XX era proveniente da mestiçagem da população. Nisso a superação do “mal” da mestiçagem resultaria em um país aberto ao progresso e ao desenvolvimento.

Para se chegar a este pensamento higienista, que alicerçou os escritos de Rodrigues (2008), deveríamos retornar as técnicas antropométricas relatadas na obra de Schwarz (1993). A autora menciona que tais técnicas nasceram dentro de um contexto criminalista, legalista Europeu o qual se utilizou de mensurações ósseas entre brancos e negros, para se determinar se aquele indivíduo poderia ter propensões, por exemplo, ao crime.

A partir de sua formação na medicina legal, o olhar de Rodrigues (2008) sobre o social, parte desta junção entre a antropologia, os caracteres morfofisiológicos e o crime. Nesse sentido, o hibridismo cultural, no qual o nosso país foi constituído toma o seguinte princípio:

[...] dificuldade de separar de maneira segura a influência do cruzamento da de muitas outras causas, de ordem biológica e social, que podem ter simultaneamente exercido influência na degenerescência ou na decadência precoce desses povos mestiços e que são dadas ou invocadas como provas da ação degenerativa da mestiçagem (RODRIGUES, 2008, p. 2)

A não separação entre os elementos biológicos e sociais, a degenerescência a qual estava submetida o povo brasileiro (na criação do tipo “mestiço”) são argumentos indispensáveis para se pensar o Brasil nos anos iniciais da República. Neste sentido o lugar ao qual está autor fala é um limiar entre as ciências sociais e a medicina, sendo povoado por teorias como: poligenistas e monogenistas, a degenerescência como fator de transmissão hereditária e a inviabilidade de desenvolvimento de um país povoado por mestiços (BOMFIM, 1998; ROMERO, 2001).

Tendo por premissas o darwinismo social em conexão com a antropologia criminal (destaque para as teorias lombrosianas), agregando a uma particularidade brasileira que seria a fusão de diversos grupos étnico/raciais, formando o que os

pensadores da época, denominaram do mito da mestiçagem, em que para eles assumem o caráter degradante de nosso país. Assim, a filiação às teorias de diferenças ontológicas entre as raças, no qual os seres humanos seriam agrupados de acordo com aspectos biológicos, colocando-os em categorias raciais superiores e inferiores. De acordo com isso há uma desvalorização dos aspectos históricos e uma ascensão dos aspectos biológicos, como causas explicativas do “nosso atraso como nação”.

5. A peleja entre Romano e Ignácio da Catingueira

O cordel “Romano e Ignácio da Catingueira” de acordo com a catalogação da Fundação Casa de Rui Barbosa feita de acordo com os endereços impressos nos fundos dos cordéis de Barros, informa que o mesmo dataria entre 1910 e 1912. Em relação a caracterização dos personagens, o cordel aponta, sobre o senhor Romano: “Vomitando fogo azul, Desmancha negros nos ares” (p. 9), já Ignacio da Catingueira, seu sobrenome, é citado por Romano ao longo do cordel, como o local que ainda seria escravo de um senhor. Ignacio é descrito como “(...) quando se assanha, (...). Cerca-se o mundo de fogo. E o negro nada teme” (p. 9).

Durante a peleja entre as personagens do cordel são trazidos à cena diversos elementos que desclassificam o ser negro, no caso Ignacio, como por exemplo: a junção da figura de Romano com a do patrício romano (figura de alto nível da sociedade romana), a companhia do negro seria o diabo, a força quase animal que o mesmo tem, a falta de capacidade para estar junto com o grupo do Teixeira, entre outros elementos.

Já Romano, além de se exaltar é também elogiado por Ignacio, como um ser temente a Deus, católico, em diversos momentos é tratado como “Meu branco”, como por exemplo neste trecho do cordel:

Meu Branco, se o senhor diz,
Que ainda tem de me açoitar,
Deixe dessa tentação
Crie em Deus, cuide em rezar,
Eu lhe juro adiantado
Um homem só não me dar (p. 14)

Na passagem acima, Ignacio, afirma duas coisas: trata com respeito o senhor Romano e sugere a ele a crença em Deus. Conforme aponta Sodré (2005), a fala da personagem negra, de subserviência e cordialidade, mesmo já tendo ocorrido a abolição, aponta para algo mais grave que foi o processo mental de desigualdade gerado a partir

do período histórico colonial brasileiro, em que o ser negro mesmo longe dos grilhões das senzalas acabaria, ainda repercutindo até os dias atuais, tendo um papel de subserviência e atribuído a ele os mais degradantes papéis sociais.

Mesmo com a subserviência de Ignacio, Romano o trata:

E que diz todo negro
Ninguém deve acreditar
Eu também tenho escravo
Mando elle trabalhar,
Quando estou fôra de casa
Elle só quer vadiar. (p. 16)

Além da vadiagem e na palavra do negro “... ninguém deve acreditar ...”, já que o pensamento presente do período finissecular XIX, tendo por expoente Nina Rodrigues (2008), é que a culpa de todo o atraso brasileiro seria resultado da degenerescência, malandragem e mestiçagem. E já no final da peleja é a mestiçagem citada por Ignacio, conforme aponta o exceto:

Para vossa mercê ser branco.
Seu couro é muito queimado,
Seu nariz achatou muito,
Seu cabelo é agastado (p. 17)

Apesar do papel social atribuído a Romano, como de senhor branco, suas características fenotípicas já demonstraria certo processo de miscigenação. Romano é evidente que discorda da consideração de Ignacio e ainda diz “Em vir cantar com você/Baixo de dignidade” (p. 16). O fragmento acima é evidenciado o processo de miscigenação vivenciado pela população brasileira ilustrado na descrição de Romano, devido a isso o cordel contribui para pensar que apesar do pensamento racista predominante na intelectualidade da época o cordel aponta que não há pureza racial no Brasil, todavia o estigma social de subalternidade apresenta-se entre pessoas de cor de pele negra.

Considerações (in)conclusas

Leandro Gomes de Barros, cordelista paraibano, não é alheio ao seu contexto social que o cerca, todavia o que se verificou neste cordel “Romano e Ignacio da Catingueira” além de apontar elementos sociais raciais do período finissecular XIX, há certa subservação destes papéis, como ocorre na fala de Ignacio, no que tange a mestiçagem. Retomando o papel primário do cordel que seria de popularizar ideias de

determinadas classes sociais, neste sentido o pensamento de Barros estaria em sintonia com o pensamento intelectual da época de produção de seu texto.

Neste sentido o cordel produzido por Leandro Gomes de Barros ajudará ao discente de Ensino Médio a entender mais claramente o pensamento social racista que imperava no final do século XIX em nosso país. A partir disso podemos perceber que a produção literária canônica ou não, como por exemplo, o cordel poderá ilustrar o entendimento das categorias das Ciências Sociais trabalhadas nas aulas de Sociologia.

Referências

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

BARROS, Leandro Gomes de. **Romano e Ignacio da Catingueira**. Recife: 1910-1912.

BRASIL. Conhecimentos de Sociologia. In: **Orientações curriculares para o Ensino Médio**: Ciências Humanas e suas Tecnologias. MEC: Brasília, Secretaria de Educação Básica, 2008.

_____. In: Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. MEC: Brasília, Secretaria de Educação Básica, 2008.

BASTIDE, Roger. Sociologia. Org. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Ática, 1983.

BRITO, Gilmário Moreira. **Culturas e linguagens em folhetos religiosos do nordeste**: Inter-relações escritura, oralidade, gestualidade, visualidade. São Paulo: Anablume, 2009.

BOMFIM, Manoel. **O Brasil Nação**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

FCBR – Fundação Casa de Rui Barbosa. **Acervo de Cordel**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <<http://www.casarui Barbosa.gov.br/cordel/acervo.html>>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides**: breve história da literatura brasileira I. 3ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MICELI, Sergio. Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura. In: **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 15, n. 1, abr. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320702003000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 nov. 2012.

RODRIGUES, Nina. **Mestiçagem, degenerescência e crime**. In: História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 15, número 4, out/dez, p. 1-45, 2008.

ROMERO, Sílvio. **Compêndio de história da literatura brasileira**. Colaboração João Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, Ed. UFS, 2001.

SCHWARZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Edivania Alexandre da. **“O mundo está as avessas”**: relações, tensões e enfrentamentos religiosos nos folhetos de Leandro Gomes de Barros – Recife (1900-1920). Mestrado em Programa de Pós-Graduação em História, FFCH/UFBA, 2007.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

WILLAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.